

RICARDO
SONDERMANN



OPINION

O HOMEM
CERTO
NA HORA
CERTA

34

ENTREVISTAS
& HISTÓRIAS

COM BORIS JOHNSON,
LORD ROBERTS,
LUIZ FELIPE PONDÉ E
RANDOLPH CHURCHILL

LVM
EDITORA

Copyright © Ricardo Sondermann, 2025

As opiniões e os comentários feitos nesta publicação são pessoais e não representam necessariamente a opinião das instituições às quais os autores estejam vinculados.

Os direitos desta edição pertencem à LVM Editora, sediada na
Avenida das Nações Unidas, N° 18.801 - 4° Andar - Sala 407
Jardim Dom Bosco - São Paulo-SP - CEP: 04757-025
contato@lvmeditora.com.br

Editor-Chefe | Pedro Henrique Alves
Editora-Assistente | Geizy Novais
Preparação do original | Wendell Ramos Maia
Revisão | Larysa Fazolo
Produção editorial | Pedro Henrique Alves
Capa e Projeto gráfico | Mariangela Ghizellini
Diagramação | Décio Lopes

Impresso no Brasil, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S692c Sondermann, Ricardo

Churchill : o homem certo na hora certa : 34 entrevistas e histórias / Ricardo
Sondermann. - São Paulo : LVM Editora, 2025.
584 p.

ISBN 978-65-5052-321-3

1. Churchill, Winston, 1874-1965 2. Discursos ingleses 3. Oratória política -
Grã-Bretanha 4. Grã-Bretanha - Política e governo - Séc. XXI. Título

25-4509

CDD 923.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunismo

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida a reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem a permissão expressa do editor. A reprodução parcial é permitida, desde que citada a fonte.

Esta editora se empenhou em contatar os responsáveis pelos direitos autorais de todas as imagens e de outros materiais utilizados neste livro. Se porventura for constatada a omissão involuntária na identificação de algum deles, dispomo-nos a efetuar, futuramente, as devidas correções.

Para Karen
Para Susi (*in memoriam*)

e era cidadão americano honorário. Então, você sabe, não devemos esquecer essa conexão.

RICARDO: Eu normalmente termino com uma pergunta que é: o que você gostaria de responder que eu não lhe perguntei?

ANTONIA: Oh, Deus. Eu acho que sim. Acho que a resposta é sim.

RICARDO: Por favor.

ANTONIA: A questão é quando eu gostaria de ir e dar uma palestra no Brasil? Quando eu gostaria de ir?

RICARDO: Ah, você aqui no Brasil? **Sim. Sim. Absolutamente.**

ANTONIA: Então, sua pergunta para mim deveria ser “você gostaria de vir e contar isso pessoalmente no Brasil?”. **Sim. Não consigo pensar em nada além disso!**

RICARDO: Com certeza. **Acho que podemos falar sobre isso. Será uma alegria tê-la conosco. Algo que você queira dizer antes de encerrarmos?**

ANTONIA: Acho que passamos por quase tudo. Se mais alguma coisa vier à mente, eu vou te mandar um e-mail.

RICARDO: E eu acho que as pessoas devem visitar o Palácio de Blenheim, que é uma visita inesquecível.

ANTONIA: Com certeza, sim. Eu não posso dizer normalmente, mas este ano tem sido muito bom até agora. Acho que há outra coisa que você gostaria de ver na exposição de Churchill que é a sela dele. Ele aprendeu a montar um pônei e é como uma pequena poltrona de couro. É absolutamente linda. Eu gosto de pensar nesse garotinho com seus cachos ruivos andando por Blenheim. É simplesmente maravilhoso.

RICARDO: Obrigado. Muito obrigado, tivemos uma conversa adorável e vai ser muito legal para as pessoas lerem seu relato. Muito Obrigado.

ANTONIA: De nada.

Ives Gandra Martins

12 de maio de 2025

“E ainda em meus 90 anos, eu não tenho por que mudar agora as minhas posições em função das correntes doutrinárias modernas”.

Ives Gandra da Silva Martins GOIH ComMM é um jurista, advogado, professor e escritor brasileiro, professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e membro da Academia Brasileira de Filosofia.

- Catedrático da Universidade do Minho (Lloyd Braga) – Portugal.
- Doutor *Honoris Causa* das Universidades Craiova – Romênia e PUC Paraná.
- Professor Honorário das Universidades Austral – Argentina, San Martín de Porres – Peru e Vasilis Goldis – Romênia.
- Professor Emérito da Universidade Mackenzie, do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – UNIFMU, do Centro Universitário Instituto de Ensino para Osasco – UNIFIEO, do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE/Estado de São Paulo, da Escola Superior de Guerra – ESG, do Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME e da Escola de Magistratura do Tribunal Regional da 1ª Região.
- Presidente do Conselho Superior de Direito da Federação do Comércio do Estado de São Paulo – Fecomercio-SP.
- Presidente Honorário do Centro de Extensão Universitária – CEU/ Instituto Internacional de Ciências Sociais- IICS.
- Professor *Honoris Causa* do IDP – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa.
- Membro das Academias Internacional da Cultura Portuguesa (Lisboa), Internacional de Direito e Economia, Brasileira de Letras Jurídicas, Brasileira de Filosofia, Paulista de Letras, Paulista de Direito, Paulista de História, Paulista de Educação, Paulista de Letras Jurídicas e Cristã de Letras.

- Autor de mais de noventa livros individuais e quatrocentos coletivos publicados em vinte e um países, a saber: México, Alemanha, Angola, Argentina, Bahamas, Bélgica, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Canadá, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Japão, Peru, Portugal, Romênia, Rússia, Taiwan e França.

RICARDO: Bom, Dr. Ives, muito obrigado. É uma honra, é uma alegria e certamente conversar com o senhor levanta a barra deste humilde entrevistador.

O tema desse livro sobre Churchill é justamente saber a opinião, a impressão, o que as pessoas pensam, onde e quando elas começaram a se interessar por Churchill e porque ainda estamos falando dele hoje. Eu queria dizer que Churchill foi um dos maiores britânicos de toda a história e eu tenho a honra de conversar com um dos maiores brasileiros de toda a história.

IVES: A primeira parte estou de acordo. A segunda, não. É que eu conheço as minhas limitações.

RICARDO: Dr. Ives, como todo grande homem, a humildade o acompanha. O senhor nasceu em 1935 e no final da guerra o senhor tinha dez anos, já tinha consciência do que estava acontecendo. Quando é que Winston Churchill apareceu em sua vida pela primeira vez, qual foi sua primeira memória?

IVES: Ricardo, eu tenho um livrinho que depois eu vou lhe mandar, feito só para amigos, chama-se *Reminiscência de um cidadão comum*³²⁶ e eu conto desde o tempo de estudante e desde que eu comecei a me conhecer como gente. Basta dizer que quando foram afundados aqueles navios brasileiros pelos submarinos nazistas nas costas do Brasil, houve uma campanha nos diversos colégios para levantar fundos para adquirirmos aviões para proteger a costa brasileira. Um deles que é mais importante, chamava-se *Caravela* e o papai que era português, naturalizado brasileiro, foi ele que conseguiu mais recursos. Quando eu tinha pouco mais de oito anos, fiz meu primeiro discurso, li um texto que meu pai havia escrito para mim, entre o segundo e o terceiro ano primário. Acabei até ganhando um prêmio, uma caneta branca e preta, num tempo em que só existiam canetas tinteiro. O tema do discurso era Hitler.

Falando sobre o que eu me lembro perfeitamente, porque no dia 6 de junho, nós tínhamos um alto-falante em casa, e naquele dia papai pôs o alto-falante virado para o quintal – eu conto nesse livro que todos os vizinhos vieram para casa porque o papai colocou no rádio as notícias –, e a vizinhança

326. MARTINS, Ives Gandra S. *Reminiscência de um cidadão comum*. São Paulo: Pax & Spes, 2022. (N. R.)

toda veio para casa e no quintal estávamos todos ouvindo. E quando papai ligou as notícias, eram oito ou nove horas no Brasil e eram quatro horas de diferença lá na Europa. Já algumas praias haviam sido conquistadas e as notícias eram muito esparsas. Não havia internet, não sabíamos bem o que acontecia; eles davam a notícia de que alguém conquistou essa praia ou aquela e vinham os hinos expedicionários e os comentários sobre o evidente início do fim da guerra. E eu sempre me interessei muito pela história. Sou da Câmara Paulista de História. E no meu livro *A Era das Contradições*³²⁷, eu analiso as duas guerras mundiais. A Primeira Guerra foi de realocação do poder na Europa. Até começou de uma forma excepcional com assassinato do herdeiro do Império Austro-húngaro³²⁸. Mas era mais de realocação. Na Segunda Guerra Mundial, foi efetivamente uma guerra entre nações democráticas e ditatoriais, sendo que a Rússia só teve o apoio dos americanos com fornecimento de armas porque era uma forma de se opor, pelo Leste, à Alemanha e para que eles tivessem condições de atacá-la depois. Mas no início da Guerra, a Rússia e a Alemanha estavam unidas – o [Joachim von] Ribbentrop (1893-1946)³²⁹ e o [Vyacheslav] Molotov (1890-1986)³³⁰ estavam unidos e tanto que juntos invadiram e dividiram a Polônia. Isso contra o que foi assinado no tratado de Munique, quando cederiam Tchecoslováquia e parariam, segundo Chamberlain, as tentativas de conquista.

O dado interessante, a meu ver, é o seguinte: quando observamos as personalidades que marcaram momentos decisivos da história, especialmente em períodos de crise, destacam-se três grandes figuras da Segunda Guerra Mundial e da reconstrução que se seguiu, Churchill, depois De Gaulle e, por fim, Konrad Adenauer (1876-1967)³³¹ na Alemanha. Mais tarde, teríamos também líderes importantes como Margaret Thatcher, mas essas três personalidades foram, em essência, as grandes referências daquele tempo.

327. MARTINS, Ives Gandra S. *A Era das Contradições*. São Luis: Resistência Cultural Editora, 2019. (N. R.)

328. Gavrilo Príncipe (1894-1918) atirou e matou o herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco-Ferdinando (1863-1914), em 28 e junho de 1914. Em resposta, o Imperador, Francisco José I (1830-1916), declarou guerra à Sérvia, o que arrastou as outras potências europeias numa guerra generalizada. (N. R.)

329. Diplomata alemão, ministro das Relações Exteriores do Regime Nazista. Conheceu Hitler em 1932, tornando-se o seu principal conselheiro em assuntos internacionais. Foi capturado em Hamburgo em 14 de junho de 1945, julgado pelo Tribunal Militar Internacional em Nuremberg, considerado culpado e enforcado.

Escreveu, enquanto estava na prisão, o *Zwischen London und Moskau* [Entre Londres e Moscou]. Há uma edição britânica acessível: RIBBENTROP, Joachim von. *The Ribbentrop Memoirs*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1954. (N. R.)

330. Ministro das Relações Exteriores da União Soviética. Foi o principal interlocutor de Stalin com os americanos e os ingleses durante a Segunda Guerra Mundial e também no pós-guerra. (N. R.)

331. Konrad Adenauer foi um dos fundadores da União Democrata-Cristã (CDU). Tornou-se chanceler da Alemanha em 1949, permanecendo no cargo até 1963, quando renunciou. (N. R.)

Posso dizer o seguinte: essas eram pessoas com uma visão muito superior à dos demais. Basta lembrar de Chamberlain, que pretendia entregar a Tchecoslováquia para garantir a segurança da Inglaterra, uma postura semelhante à que Trump adota hoje em relação à Ucrânia. Quando a Tchecoslováquia foi cedida, Chamberlain acreditou ter assegurado a paz na Europa; no entanto, pouco depois, em 1º de setembro de 1939, a Polônia foi invadida.

Vale recordar que, nesse episódio, ocorreu algo marcante para quem se interessa por história militar: a última carga de cavalaria, quando soldados poloneses, montados a cavalo, enfrentaram os tanques alemães. Com a queda de Chamberlain, Churchill assume o governo. Ao analisar aquele período, percebe-se que as perspectivas não eram favoráveis. Tive um sócio, um judeu, já falecido, que havia sido militar e atuara no tribunal da Tchecoslováquia. Muito jovem, fora assistente do ministro do Exército de seu país, formado na mais antiga universidade da Europa, em Praga. Ele contou que conseguiu fugir a tempo, chegar à Inglaterra e integrar o governo tcheco no exílio, assim como De Gaulle faria pela França. Segundo ele, em 1940 a impressão geral era de que os aliados estavam condenados à derrota. Em Londres, enquanto trabalhava, era comum ter de correr para os abrigos durante os bombardeios, tomado pela angústia de não saber se sua mulher havia conseguido se proteger a tempo, ao som das sirenes que anunciavam o perigo.

Quer dizer, a figura de Churchill [personificava] o incentivo e o estímulo [necessário] para que os ingleses enfrentassem [os alemães]. Teve alguns elementos assim que, a meu ver, na Segunda Guerra Mundial, representaram um erro tático do Hitler, aliás, provocado pelo [Hermann] Göring³³² (1893-1946). Eles poderiam, se deixassem a *Wehrmacht*³³³ enfrentar o exército Britânico em Dunquerque, eles teriam conseguido que todos se entregassem em sua grande parte.

332. Hermann Göring, veterano da Primeira Guerra Mundial onde se destacou como piloto, juntou-se a Adolf Hitler em 1921. Após participar do Putsch de 1923 e ser exilado, retornou e ascendeu no Partido Nazista, tornando-se presidente do *Reichstag* em 1932.

Quando Hitler assumiu o poder, Göring foi fundamental, utilizando seu cargo de Ministro provisório do Interior prussiano para controlar a polícia e ajudar a estabelecer o Estado Totalitário. Como comandante da *Luftwaffe* (Força Aérea), foi essencial para o sucesso da estratégia *Blitzkrieg* nas campanhas iniciais da Segunda Guerra Mundial. No entanto, seu prestígio foi abalado pelo fracasso da *Luftwaffe* na Batalha da Grã-Bretanha em 1940. Condenado à força pelo Tribunal de Nuremberg em 1946, Göring cometeu suicídio ingerindo veneno antes da execução. (N. R.)

333. A *Wehrmacht* era o conjunto das Forças Armadas do Terceiro Reich – *Heer*, o Exército, a *Luftwaffe* a Força Aérea, e a *Kriegsmarine*, a Marinha.

Em 16 de março de 1935, Hitler reintroduziu o serviço militar obrigatório, e a *Reichswehr* da República de Weimar passou a se chamar *Wehrmacht*. (N. R.)

RICARDO: Exatamente.

IVES: Como Göring considerava que aquela era uma missão exclusiva da *Luftwaffe* – cair em cima [do inimigo] e aniquilar pelo ar –, acabou permitindo que ocorresse aquele milagre. Foi um milagre, centenas de barcos de pesca conseguiram resgatar cerca de 360 mil soldados, o que devolveu novo ânimo ao povo inglês. Creio que, naquele momento, a figura de Churchill foi decisiva – uma figura de importância tão duradoura que ainda hoje se reconhece. Roosevelt, já debilitado pela doença, relutava em envolver os Estados Unidos na guerra. Ele via a França como uma nação derrotada, sem mérito, e acreditava que De Gaulle não merecia apoio.

Acho que Churchill foi um herói, um homem de visão extraordinária, que foi capaz de conduzir seu país até o fim da guerra. Mesmo quando Attlee venceu as eleições de julho de 1945 e assumiu como primeiro-ministro, Churchill logo voltaria, porque os britânicos perceberam que os trabalhistas não tinham a mesma visão nem a estatura de um homem excepcional. A meu ver, ele e De Gaulle foram os grandes heróis da época, por terem enfrentado Hitler com coragem e determinação. De Gaulle chegou a conquistar a Guiana Francesa e, assim como Churchill, acabou sendo afastado da política por um tempo.

Fui estudar na França em 1953 – não tinha nada a ver com direito, meu pai trabalhava em perfumaria e fui fazer um curso de perfumista em Grasse³³⁴ no sul da França. E lembro-me de ter lido, naquela época, um artigo – não sei se no *Le Figaro*³³⁵ ou no *Le Monde*³³⁶ – de De Gaulle. Em 1953, De Gaulle estava fora do cenário político francês. Ele só retornou em 1958, quando teve de enfrentar a crise provocada pela Organização do Exército Secreto, durante a questão da Argélia. E nesse artigo, ele afirmava que todo o Ocidente deveria se preocupar, no século XX, com a expansão da China – uma advertência impressionante para aquele momento, já que a China ainda não havia consolidado sua vitória e Taiwan representava a “China nacionalista”, que ocupava o assento na ONU e no Conselho de Segurança. Apenas na década de 1960 ou 1970 é que essa situação se reverteu. De Gaulle, portanto, já antevia o papel que a China desempenharia no futuro. E quando voltou à presidência, em 1958, em meio à crise militar e política, foi capaz de restaurar a autoridade da França e, mais tarde, de enfrentar de maneira extraordinária os movimentos de 1968. Então, Churchill, De Gaulle e Adenauer, que com 73 anos organiza a recuperação da Alemanha, foram, a

334. Na Côte d'Azur. (N. R.)

335. O *Le Figaro* é um dos jornais mais antigos e tradicionais da França, fundado em 1826. (N. R.)

336. Jornal francês fundado em 1944. (N. R.)

meu ver, os três grandes estadistas da Europa naquele período, enfim, a segunda metade do século passado. Agora o Churchill continua como primeiro-ministro até com bastante idade, pela responsabilidade.

RICARDO: Sim, justamente eu ia eu ia lhe perguntar isso. Quando Churchill foi primeiro-ministro pela segunda vez, entre 1951 e 1955, o senhor tinha entre dezesseis e vinte anos de idade.

IVES: Já tinha estudado na França e já tinha voltado para o Brasil.

RICARDO: E Churchill sempre foi um defensor ferrenho da democracia e do Estado de direito. E tão defensor da democracia que quando ele ganha a guerra e perde a eleição, ele aceita o resultado. Afinal de contas, foi por isso que ele lutou, e ele continuamente costumava falar sobre a importância da lei e da justiça. Os conceitos Democracia, Estado de direito, Liberdade, Justiça, naquele momento, eram sólidos, e hoje, não; não sei se foram relativizados, ou foram as palavras que perderam o sentido. Ainda podemos esperar uma atitude churchilliana nos dias de hoje?

IVES: Veja, o filósofo italiano chamado Giambattista Vico (1688-1744)³³⁷ dizia que o mundo progride por espirais, mas se nós olharmos a história do mundo, sempre o ponto mais baixo de uma espiral, da última espiral ainda é mais alto que o ponto mais baixo da espiral anterior. Então nós vamos evoluir, certo? Eu acho que nós estamos passando no Brasil e no mundo, mas mais no Brasil, não o cumprimento, mas uma interpretação diferente daquilo que eu vi na constituinte. Eu não sei se dá para perceber, mas atrás de mim você tem uns livros azuis. São quinze volumes de comentários que eu e Celso Bastos (1938-2003)³³⁸ fizemos sobre a constituição. Passamos vinte meses lá discutindo a Constituição em audiências públicas, convidados pelos constituintes. Escrevemos cerca de 10 mil páginas em dez anos, entre 1988 e 1998. Eu continuei a escrever comentários à Constituição [mesmo] depois da morte do Celso, que perdemos muito cedo, infelizmente. Ele morreu muito cedo. Com sua morte, interrompemos o trabalho.

Então, a ideia que eu veja que o Churchill, ele tinha essa noção, mas ele tinha noção decorrente da própria história da Inglaterra. Se analisarmos quando aparece pela primeira vez o parlamentarismo na história e na

337. Foi um filósofo político, professor da Universidade de Nápoles, historiador e jurista italiano. Ele não chegou a ficar conhecido em sua época. O reconhecimento de sua obra veio em meados do século XIX. (N.R.)

338. Jurista brasileiro. (N. R.)

revolução, na gloriosa revolução dos *Oranges*³³⁹, 1688-89, nós vemos a criação do parlamentarismo lá que predomina até hoje com dois partidos principalmente. Nós temos os Trabalhistas e os Conservadores em uma democracia que continuou durante a guerra – na Primeira Guerra, na Segunda Guerra –, até porque o Chamberlain cai e temos a indicação do Churchill, entende? Enfim, não houve, na história da Inglaterra e da monarquia depois de 1689, nenhum momento – nem mesmo durante o período de Oliver Cromwell (1599-1658)³⁴⁰ quando os reis foram afastados e Carlos I (1600-1649)³⁴¹ foi decapitado –, em que se tenha experimentado uma estabilidade política como a que se seguiu à Revolução Gloriosa, dos Orange. Mesmo com as divergências, apesar de promoverem a escravatura da África no início, nós temos, depois os primeiros gritos que se ouviram contra ela, com leis aprovadas contra a escravatura e foram os ingleses que no início tinham seus navios negreiros.

O Parlamento criou esse grau de liberdade. E com isso quero dizer o seguinte: eu fui presidente de um partido parlamentarista no Brasil e deixei de fazer política quando o ato nacional número dois – AI 2³⁴² – eliminou todos os partidos, inclusive o meu. Eu presidi em São Paulo, o Partido Libertador do Pilla, Mendes Sá (1927-1973)³⁴³, Paulo Brossard (1924-2015)³⁴⁴,

339. Guilherme de Orange-Nassau, o *Stadtholder* das Províncias Unidas, foi convidado por nobres ingleses em junho de 1688 a assumir o trono, em um movimento que ficou conhecido como a Revolução Gloriosa. O objetivo era evitar o restabelecimento do catolicismo como religião oficial, que estava sendo sinalizado pelo Rei Jaime II (sogro de Guilherme).

Guilherme e sua esposa, Maria Stuart (anglicana, filha de Jaime II), desembarcaram na Inglaterra em novembro de 1688. Diante da iminente perda de apoio, Jaime II fugiu, abrindo caminho para que Maria e Guilherme fossem coroados.

O filósofo Edmund Burke explicou que a coroação de Guilherme e Maria não foi um ato de escolha popular, mas uma “necessidade moral” estrita para preservar a religião, as leis e as liberdades da Inglaterra, evitando o retorno de Jaime II e o mergulho do país em guerra civil. Ele argumentou que, apesar de um pequeno desvio na ordem de sucessão, a Revolução Gloriosa não estabeleceu um precedente para a escolha popular de reis. (N. R.)

340. Foi um dos generais que lutou ao lado do Parlamento na Guerra Civil inglesa contra o rei Carlos I. Após a execução do monarca e a abolição da monarquia, em 1649, o Parlamento estabeleceu a *Commonwealth* [Comunidade Republicana]. Pouco depois, em 1653, Cromwell dissolveu o Parlamento e assumiu o controle do país como Lord Protetor da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Seu filho o sucedeu, mas renunciou ao cargo em 25 de maio de 1659, abrindo caminho para a Restauração da Monarquia. (N. R.)

341. Sucedeu seu pai, Jaime I (1566-1625), o primeiro monarca da Dinastia Stuart. As rusgas e desentendimentos com o Parlamento provocaram uma guerra civil que culminou em sua execução em 1649 e a abolição da monarquia. (N. R.)

342. Ato Institucional Nº 2 do Regime Militar, de 1965. (N. R.)

343. José Mendes de Sá Roriz, jurista e advogado paulista (N.R.)

344. Paulo Brossard de Souza Pinto foi um jurista, advogado, professor de Direito e político brasileiro. Formado pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (atual UFRGS) em 1947, lecionou Direito Civil e Constitucional na PUC-RS e UFRGS, publicando obras como *O Impeachment* (1965). Iniciou a carreira política como deputado estadual gaúcho pelo PL (1954-1967), foi secretário de Interior e Justiça do RS (1964), deputado federal pelo

e inclusive vencemos naquela época o Carlos Lacerda no meu diretório, candidato a presidente da República em 1962. O parlamentarismo promove essa estabilidade. Tenho livros sobre parlamentarismo. Essa estabilidade não acontece muito no presidencialismo. Um professor americano, não sei se ele é vivo ainda, o Giprat, ele tem um livro notável chamado *Democrás*, em que ele analisa as vinte democracias mais estáveis do mundo. Destas, dezenove são parlamentaristas e só os Estados Unidos é presidencialista. Mas se nós olharmos a democracia americana, nós vemos na democracia americana uma herança cultural inglesa. Basta dizer quantos partidos nós temos nos Estados Unidos? Dois. Quantos partidos temos na Inglaterra? Dois. Se nós analisarmos, os democratas são mais semelhantes aos trabalhistas, os conservadores mais semelhantes aos republicanos.

Trata-se de um caso único: um parlamento em que foi criado um Senado. Os senadores não gostam que se conte a história, não do Senado romano, mas do Senado que nós temos na modernidade. O Senado só surgiu para manter a escravatura nos Estados Unidos. Quando eles se reuniram de 1776 a 1787 para promulgação da Constituição Americana, os estados do Sul dependiam fundamentalmente da mão escrava. Quase todo o seu trabalho no campo era feito por escravos e eram estados mais agrícolas, com pouca população, muitas fazendas, aliás – foram eles que reagiram no início contra o aumento dos impostos pelo rei George III e provavelmente deram início à Revolução Americana, até porque com os aumentos os impostos aos Estados Unidos, eles se revoltaram porque produziam todos os produtos agrícolas dos Estados Unidos.

Então o que ocorre é que eles não queriam ter uma Casa Legislativa só, como nós temos na Inglaterra, tem a Câmara dos Lordes, mas realmente é a Câmara dos Comuns que decide as leis. Os estados do Sul, por terem menor população, tinham certeza de que os estados do Norte, que eram mais industrializados, iriam partir para a abolição da escravatura que já havia sido abolida na Inglaterra. Resultado: eles concordaram em criar não 13 países independentes, mas [uma união de] 13 estados, não uma Confederação de países, mas uma Federação, se fosse criado [também] um Senado. E no Senado a representação não seria de acordo com a população, mas pela unidade

MDB (1967-1971) e senador (1975-1983), onde liderou a oposição e presidiu a Comissão de Finanças. Atuou como ministro da Justiça (1986-1989) no governo Sarney, consultor geral da República (1985-1986) e membro da Comissão Afonso Arinos para a Constituição de 1988. Nomeado ministro do STF em 1989, serviu até a aposentadoria compulsória em 1994, tendo sido vice-presidente do STF (1993) e presidente do TSE (1992-1993). Casado com Lúcia Alves Brossard, deixou três filhos. Fonte: SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Paulo Brossard. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/ostf/ministros/verMinistro.STF>. Acesso em: 3 out. 2025

federativa e que, com isso, eles teriam equilíbrio. Com isso eles atrasaram oitenta anos a abolição da escravatura nos Estados Unidos e mesmo quando foi abolida por lei pelos estados do Norte, nós tivemos a Revolução Americana, ou uma Guerra Civil que durou 5 anos. Por que que eu digo tudo isso?

Na Inglaterra, sempre houve um grande respeito pela tradição, consolidado após a Revolução Gloriosa dos Oranges e a criação da monarquia constitucional, com garantias de liberdade e respeito ao Estado de Direito. Apesar de eventuais leis contrárias, o sistema de precedentes continua muito forte. Há um respeito muito grande pelas tradições. Esse respeito às tradições dá sustentação a um modelo político estável. Por exemplo, decisões de um presidente nos Estados Unidos, como no governo Trump, seriam impossíveis na Inglaterra, justamente por causa do parlamentarismo. Existe [no presidencialismo americano] uma liberdade que não encontramos no parlamentarismo. Na Guerra das Malvinas, a Thatcher era obrigada a ir quase todo dia à Câmara dos Comuns para justificar suas medidas porque os parlamentares cobram, enquanto no presidencialismo ações podem ser feitas. Eu sempre brincava quando era presidente do Partido que o presidencialismo é o sistema da irresponsabilidade a prazo certo. O parlamentarismo é da responsabilidade a prazo incerto. Um irresponsável se derruba por um voto de desconfiança. Então, dentro dessa linha, realmente o primeiro-ministro respeitava a lei. Os ingleses, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, no momento que eles estavam na posição mais difícil – porque era o Canal da Mancha que separava a força alemã mais os bombardeios constantes sobre a Inglaterra, despreparada no momento que começou a guerra, com uns generais alemães com muito mais mobilidade –, foi Churchill que permaneceu.

Agora nós estamos vivendo no Brasil – eu tenho uma grande admiração pelos ministros do Supremo. Tenho livros escritos com seis deles, amizade e agora mesmo com noventa anos fizeram um livro para me homenagear, escritos por dois dos ministros, [Dias] Toffoli e Gilmar Mendes, e na verdade escreveram dois livros sobre mim. O outro foi o André Mendonça, enfim, eu lido com eles. Mas eu entendo, por exemplo, que aquilo que eu vi na Constituinte, que os poderes seriam harmônicos, independentes, ali o Poder Judiciário está em último lugar no concerto dos poderes, onde o título quarto é o mais longo da Constituinte, porque é um poder técnico e não é eleito pelo povo. A Constituição brasileira declara que o soberano é o povo. Ele que faz a lei através de seus representantes, através de dois poderes: Executivo e Legislativo. O Judiciário não é um poder com [prerrogativas] para criar leis, mas para garantir que as leis existentes sejam respeitadas.

No presidencialismo, como vemos atualmente com o próprio presidente Trump, ele toma decisões que deveriam considerar a aprovação do Congresso. Pessoalmente, creio que estamos enfrentando, em todo o mundo, uma certa dificuldade em relação à liberdade de expressão, ao respeito aos poderes e ao cumprimento da lei. Muitas correntes modernas, como o neoconstitucionalismo, o consequencialismo e a jurisdição constitucional, defendem interpretações que permitem ao intérprete “fazer a lei” além do texto escrito. Aos noventa anos, ainda me considero um originalista clássico: o que está escrito na Constituição deve ser respeitado. Se discordo, a mudança deve ocorrer pelo poder competente para alterar a Constituição, ou seja, o Legislativo. E, mesmo aos noventa, não vejo motivo para alterar minhas convicções em função das correntes doutrinárias contemporâneas.

RICARDO: Churchill tinha uma oratória e uma persuasão fantástica, frases que permanecem e discursos que ele fez no parlamento justamente dando explicações do que estava acontecendo na guerra. Em um determinado momento, ele disse: “Os servidores públicos não são nem tão servidores, nem mais tão públicos”³⁴⁵. E o senhor escreve no seu livro *Uma breve teoria do poder* algo que resgatei aqui: “Os detentores do poder não são servidores públicos, mas pessoas que quase sempre se servem do público”. Então, quanto de Churchill, quanto da retórica e da persuasão de Churchill encontra-se no Dr. Ives Ganda Martins?

IVES: No livro, proponho a minha teoria da sobrevivência no poder. Quase todos que desejam o poder, ao conquistá-lo, passam a lutar para mantê-lo a qualquer custo, é aí que o limite entre o ético e o antiético se torna muito tênue, entende? Procuram motivos para justificar sua permanência, afinal, ninguém quer abrir mão do poder. Essa lógica da sobrevivência faz com que, com o tempo, passem a pensar menos no bem comum e mais em estratégias que garantam votos nas democracias. É isso que interessa a quem detém o poder. Por isso vemos, mesmo em sistemas democráticos, campanhas políticas em que a primeira preocupação de um candidato é descobrir os pontos fracos do adversário para atacá-lo.

345. *Public servants are neither so servants, nor so public anymore.* Extraído do discurso de Churchill em 4 de junho de 1945 durante a campanha eleitoral quando acusa que o candidato trabalhista Clement Attlee, se vencesse as eleições: “... teriam que recorrer a alguma forma de Gestapo, sem dúvida muito humanamente dirigida em primeira instância” (*They would have to fall back on some form of Gestapo, no doubt very humanely directed in the first instance*). (N.A.)

O próprio Churchill dizia que “a democracia é um sistema político muito ruim, mas não existe melhor que a democracia”³⁴⁶. Ele mesmo reconhecia que é muito difícil conquistar o poder, e que, para consegui-lo, muitos fazem de tudo. E, uma vez no poder, também fazem de tudo para mantê-lo. Com a força que isso lhes dá, acabam usando para si aquilo que deveria representar o povo. Por isso digo: há muitos políticos, mas poucos estadistas. Quando eu falei nesses três estadistas, eu acho que Margareth Thatcher também foi, mas digamos num período menos conturbado do que o Adenauer para recuperar a Alemanha e o De Gaulle para recuperar a França, naquele 1958. É interessante que quando eu estava na França em 1953, eu tinha 18 anos, me interessava por política. Então escrevi para jornais aqui no Brasil, mandava artigos de lá e havia um jornal chamado *Gazeta* que publicava coisas minhas. E o dado interessante é o seguinte: a França estava discutindo a Indochina e aconteceu a Batalha de Dien Bien Phu³⁴⁷, que foi onde eles perderam o general Jules Gaucher (1905-1954)³⁴⁸ em 1954. Heroicamente aguentou até o momento que não havia mais nem arma nem nada. Os reforços não chegaram nem armamentos e estavam sentados esperando os norte-vietnamitas.

Mas o que eu via naquela época era um parlamentarismo que estava se desfigurando. E quando, em 1958, houve essa tentativa até de golpe, com o general francês Raoul Salan (1899-1984)³⁴⁹, que criou a OAS – Organização das Armadas Secretas, ou Organização dos Exércitos Secretos, para poder roubar o governo. Nesse momento chamaram De Gaulle e ele conseguiu colocar a nação em ordem e, em 1968, com a revolução de estudantes, Paris parou durante cinco semanas e o De Gaulle conseguiu regular a situação. Então

346. A frase é de um discurso de 11 de novembro de 1947: *Many forms of Government have been tried, and will be tried in this world of sin and woe. No one pretends that democracy is perfect or all-wise. Indeed it has been said that democracy is the worst form of Government except for all those other forms that have been tried from time to time.*

[Muitas formas de governo foram tentadas, e serão tentadas neste mundo de pecado e sofrimento. Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou onisciente. De fato, tem sido dito que a democracia é a pior forma de governo, exceto por todas aquelas outras formas que foram tentadas de tempos em tempos]. (N. R.)

347. A Guerra da Indochina (1946-1954) se deu entre os vietnamitas comunistas e os franceses, que relutavam em conceder plena independência às suas antigas colônias. A derrota francesa em Dien Bien Phu foi o evento decisivo da guerra, encerrada pelos Acordos de Genebra, de 20 de julho de 1954. (N. R.)

348. Em 1953, assumiu o comando da 13ª Demi-Brigade da Legião Estrangeira (13e DBLE) – a meia-brigada da Legião recebem esse nome por ser menor do que o regimento de infantaria de três batalhões, unidades de dois batalhões eram frequentemente chamadas de meia-brigadas na França.

Em dezembro de 1953, o 1º e o 3º Batalhões foram enviados ao vale de Dien Bien Phu, localizado no noroeste de Tonquim. Na Batalha de Dien Bien Phu que se seguiu, o tenente coronel Gaucher foi morto e ambos os batalhões da 13ª DBLE foram aniquilados. (N. R.)

349. Um dos muitos oficiais que se opunham à independência da Argélia. Entre 1961 e 1962, ele liderou a *Organisation de l'Armée Secrète* [Organização do Exército Secreto], em uma campanha de terror contra o governo de De Gaulle, tanto na França quanto na Argélia. Foi preso e julgado. (N. R.)

esses eram estadistas, esses pensavam no povo, pensavam no bem comum. Inclusive aconteceu uma coisa até interessante, não tem nada a ver, mas como eu falei no De Gaulle, eu me lembrei disso: sou Doutor *Honoris Causa* de uma universidade da Romênia chamada Craiova. Éramos três brasileiros a receber o título, entre eles o presidente do Supremo na época, Carlos Mário Veloso, o reitor da Universidade McKenzie³⁵⁰, que era o Cláudio Lembo, e eu. E nós nos hospedamos em Craiova, no hotel da universidade. A universidade tinha uma biblioteca com um milhão e meio de exemplares, negócio lindíssimo, pegava um prédio inteiro. E para dormir lá – eu era o mais alto na época. Então chegaram, e disseram que quando De Gaulle recebeu o doutoramento *Honoris Causa* dele na universidade, eles fizeram uma cama especial para ele. Como eu era o mais alto, me colocaram para dormir na cama do De Gaulle. Então eu dormi na mesma cama que fizeram para o De Gaulle para recebermos o mesmo doutoramento.

Bem, esses pensavam efetivamente no bem comum e na nação, enquanto os políticos de hoje pensam em ter o poder e é um efeito colateral servir o povo. Não necessário. Necessário enquanto for útil para mantê-los no poder.

RICARDO: Justamente esse é um tema interessante porque nós observamos lideranças em crise. Qual o senhor considera a maior conquista de Churchill e como as habilidades de gerenciamento de crise dele podem inspirar os líderes aqui no Brasil que estão enfrentando esses desafios políticos, econômicos e jurídicos? Uma outra luta, além da luta normal, começou no Brasil.

IVES: Veja o seguinte, eu estou convencido, porque eu sou parlamentarista desde os bancos acadêmicos, desde a faculdade. Eu estou convencido de que o presidencialismo, exceção dos Estados Unidos, que é quase um parlamentarismo presidencial, um presidencialismo parlamentar, lá são dois partidos apenas.

RICARDO: E eles têm uma eleição no meio do caminho, as *midterm* (as eleições intermediárias), que também podem gerar algum novo balanço no poder.

IVES: Sim, um sistema de reserva federal eleito no meio. Mas o dado interessante é o seguinte, o presidencialismo foi um fracasso na América do Sul. Nós sempre vivemos num sistema de gangorras. Tivemos revoluções na Argentina, tivemos revoluções no Uruguai, tivemos revoluções no Brasil. Tivemos revoluções no Paraguai, tivemos revoluções no Chile, tivemos

350. Instituição de ensino superior privada e confessional brasileira, fundada em 1870 por missionários presbiterianos americanos. (N. R.)

revoluções no Peru, tivemos revoluções no Equador, tivemos revoluções na Colômbia, tivemos revoluções na Venezuela. É um desastre. É um desastre para aqueles que lutam pelo verdadeiro direito, por respeito aos bens e ao povo. Nem sempre o povo entende, já que é muitas vezes manipulado com benesses, como o pão e o circo dos romanos, entende?

Vivemos em uma crise permanente e estamos, neste momento – com todo o respeito que tenho, que é muito grande, inclusive pela amizade com os ministros do Supremo – [vendo] eles invadirem a competência do Legislativo. Por mais que acreditem estar certos, a verdade é que 150 milhões [de brasileiros] elegeram um Poder Executivo e um Legislativo. Quando tentam legislar ou dar “conselhos” sobre determinadas questões, e não tenho preconceito algum, apenas cito exemplos, acabam interferindo em temas que deveriam ser decididos pelo Congresso. Isso ocorreu, por exemplo, nos debates sobre os anencéfalos, sobre a união dos casais homossexuais, onde houve discussão expressa. O Congresso deveria propor e aprovar as emendas [à Constituição para isso]. O Supremo definiu o marco temporal, criou regras sobre drogas e, mais recentemente, [estabeleceu um regimento] sobre a internet e as redes sociais. A lei é clara: a punição deve ocorrer depois [que a infração for cometida], mas eles querem punir antes, obrigando as plataformas a agirem assim. Então, com todo o respeito que eu tenho pelos ministros do Supremo, há uma invasão de competência que os obrigam inclusive a ser tratados como políticos. Quer dizer, eu, quando saía com ministros para jantar em congressos, nós andávamos pela rua sem segurança nenhuma. Hoje eles são obrigados a usar muitos seguranças. Por quê? Porque os que gostam das decisões deles aplaudem, e os que não gostam – já que agora é um poder político –, tentam agredir, e eles são obrigados a ter segurança para se proteger. O que vale dizer, nós deixamos de ter liberdade ampla de expressão, há pessoas que estão presas por liberdade de expressão, entende? Por exemplo, eu estou convencido de que o 8 de janeiro³⁵¹ foi uma baderna igual à baderna que fizeram no governo Temer³⁵², quando diziam que ele era golpista contra Dilma³⁵³, destruindo o congresso.

351. Ato de vandalismo e depredação da Praça dos Três Poderes que ocorreram em 8 de janeiro de 2023, poucos dias depois de Lula ter assumido novamente a Presidência. (N. R.)

352. Advogado e político brasileiro influente no MDB. Assumiu o poder depois da queda da presidente Dilma Rousseff, em 2016. (N. R.)

353. A política em questão, nascida no Rio Grande do Sul, iniciou sua trajetória como integrante do VAR Palmares, um movimento de guerrilha durante o Regime Militar que tinha como objetivo a Revolução Socialista e a instauração da Ditadura do Proletariado no Brasil. Posteriormente, ela se filiou ao PDT antes de migrar para o PT. Sob a presidência de Lula, atuou como Ministra de Minas e Energia e, em seguida, foi

Lá eles feriram pessoas, aqui não feriram nada, entende? Mas, a essa altura, como não se pretende, evidentemente, aliviar nada, vemos corruptores soltos, passeando até pelos palácios do governo, visitando o Congresso Nacional, o Executivo e outros espaços de poder. Isso, depois de confessarem seus crimes, enquanto pessoas desarmadas, que mal tinham estilingues, recebem condenações de 14, 15 anos. Então, com todo o respeito que eu tenho, que é muito grande, até porque escrevi livro com muitos deles, fiz banca de doutoramento com muitos deles, eu acho que nós vivemos um momento difícil na democracia brasileira, no qual temos um Poder Judiciário definindo regras. Por exemplo, eu coloco um dado: o Supremo – e é a posição do Marco Aurélio de Melo³⁵⁴ que eu apoio integralmente –, suspendeu a decisão que havia paralisado uma ação penal envolvendo um deputado federal e outros acusados. Determinou-se que apenas os atos praticados no exercício do mandato seriam julgados pelo Supremo, em respeito ao Congresso; os demais processos continuariam em outras instâncias. Assim, teremos casos, como o do Ramagem³⁵⁵ que verá sua defesa ser restringida porque eles estão dispostos a condenar. Eles vão condenar. Agora os outros poderiam estar no Supremo. Se olharmos o artigo 102 da Constituição, veremos que eles teriam [que estar sendo julgados] pelo juízo natural, porque eles não possuem foro privilegiado. Está no artigo 10º da Constituição. [Esses novos enquadramentos] são criação do Supremo, não da Assembleia Constituinte. Então nós vamos ter o princípio da igualdade em desigualdade. Algumas pessoas que deveriam ser julgadas pela primeira instância estão sendo julgadas pelo Supremo, enquanto outras, com foro privilegiado, só não respondem pelos atos cometidos por assumirem um cargo. Então, quem representa? Estamos diante de um tratamento desigual. O que eu queria dizer é o seguinte: pode ser que uma lei seja ruim, mas a lei ruim teria que ser cumprida, e foi feita pelo Legislativo. E se o povo não está contente, nas próximas eleições muda o congresso, não vota naqueles que os decepcionou. Isso é a democracia.

Eu acho que apesar da qualidade dos ministros, e eu digo isso não da boca para fora, porque conheço, com livros escritos, brancas, palestras dadas, sei da qualidade deles, inclusive cito-os em pareceres, em livros. Alexandre Moraes³⁵⁶, quantas vezes não citei e continuo citando os livros que ele escreveu,

eleita sua sucessora à Presidência da República. Seu mandato, contudo, foi interrompido, sendo derrubada pelo Congresso em 2016 em meio a uma grave crise econômica e política. (N. R.)

354. Foi ministro do Supremo Tribunal Federal, indicado pelo presidente Fernando Collor. (N. R.)

355. Delegado da Política Federal e deputado federal. (N. R.)

356. Ministro do Supremo Tribunal Federal. (N. R.)

entende? Mas eu me permito, como um velho professor universitário, há sessenta e um anos, de dar minha opinião. Ainda eu acho que a discussão, em termos exclusivamente doutrinários, ainda não teve um cerceamento, mas eu vejo muitos colegas com medo de dar opiniões em decorrência de não saber qual vai ser a reação. Eu me tenho a impressão de que nós vivemos em um momento mais difícil e por isso, mais do que nunca, eu defendo o parlamentarismo. O Churchill respeitou, foi eleito via parlamento, foi o homem que a meu ver garantiu a vitória na guerra. Se nós tivéssemos o Chamberlain e não o Churchill, a Inglaterra poderia ter sido dominada.

Nessas condições, seria muito mais difícil para os Estados Unidos intervir na Europa sem um país capaz de lhes dar suporte. Basta lembrar que, em 6 de junho de 1944, a invasão partiu da Inglaterra. Se a Alemanha tivesse dominado o território inglês, o que teria acontecido? Portugal e Espanha eram duas ditaduras. Eu conheci pessoalmente o Salazar (1889-1970)³⁵⁷, e tive uma conversa a sós com ele em 1964. O contato me deu uma impressão monumental dele. Ele conversou, contou alguns episódios. Foi uma conversa de uns quarenta minutos. Eu tinha feito um discurso no Castelo de Guimarães e ele tinha ouvido pelo rádio em uma reunião das Comunidades de Cultura Portuguesa, aonde fui por ter sido eleito representante para América Latina. Ele recuperou a economia de Portugal, mas era um ditador. A Legião Portuguesa³⁵⁸ exercia uma espécie de controle total da opinião. [Francisco] Franco (1892-1975)³⁵⁹, da mesma forma, permitiu a volta da democracia com a volta da monarquia na Espanha. Durante a guerra, a Península Ibérica não tinha força para nada e os alemães controlavam a Itália. Se Hitler tivesse invadido a Inglaterra – [o que teria acontecido] se não tivesse cometido dois grandes erros: [ele foi induzido a um por] Goering, em Dunquerque, e o de tentar invadir a Rússia, ignorando a lição de Napoleão –, os americanos, naquele momento, não teriam tido base alguma para atuar. Se o Churchill não tivesse

357. Economista e político, António de Oliveira Salazar foi primeiro ministro de Portugal entre 1932 e 1968. Seu governo foi fortemente influenciado pelo pensamento católico – Salazar era amigo do Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977), Patriarca de Lisboa.

Em 1968, após sofrer um derrame, foi substituído por Marcelo Caetano (1906-1980). O regime do Estado Nova chegou ao fim em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, quando Caetano foi deposto. (N. R.)

358. A Legião Portuguesa foi criada pelo Estado Novo, regime autoritário liderado por António de Oliveira Salazar visando combater a oposição política (especialmente comunistas e republicanos) e atuar como força auxiliar do governo. (N. R.)

359. Liderou um levante militar contra a Segunda República Espanhola, que culminou na Guerra Civil espanhola (1936-1939). Contou com a ajuda de Hitler e Mussolini na luta contra os comunistas durante o conflito. Permaneceu no poder até sua morte, em 1975, quando a Espanha passou por uma transição liderada pelo rei Juan Carlos I. (N. R.)

percebido tudo e houvesse um acordo com a Alemanha, separada somente pelo Canal da Mancha, nós teríamos um problema. Talvez uma história diferente da Segunda Guerra Mundial. Eu acho que Churchill foi o grande homem do século passado para preservar as nações democráticas e foi de rigor uma guerra entre democracias e estados totalitários.

RICARDO: Churchill, no discurso *Jamais ceder*, que ele faz em Harrow School quando retorna à sua escola da juventude, é realizado em um momento em que o Reino Unido começa a viver não o começo do fim, mas o fim do começo, e ele diz: “Jamais ceder. Jamais ceder. Em nada, seja grande, seja pequeno, amplo, trivial, jamais ceder às convicções de honra e bom senso. Jamais ceder à força aparentemente devastadora do inimigo”. O que podemos aproveitar de Churchill com tantos inimigos à liberdade dentro do Brasil?

IVES: Quantas pessoas, quantos políticos dizem frases bonitas, mas não sustentam as ideias [que proclamam]. O que Churchill disse, em todas aquelas frases, são coisas de um homem autêntico, de alguém que existiu de fato e lutou contra tudo e contra todos. É o que ele viveu. Ele não estava dizendo alguma coisa apenas para impressionar para *la bourgeoisie* [a burguesia], não é? Ele estava dizendo algo que realmente era a convicção dele. E eu tenho a impressão de que essa é a grande característica do estadista. O estadista só diz aquilo que ele acredita. Ele não faz demagogia. E Churchill, De Gaulle e Adenauer fizeram aquilo que eles acreditavam. Quanto que a maior parte dos políticos pensam: “Quero ganhar eleição, quero fazer, então eu preciso desse eleitorado, então vou auxiliar esse grupo de eleitores,.... preciso fazer, ... vai estragar a nação, não há problema”. Porque o que interessa é ganhar a eleição. Na prática, a própria visão de Churchill, que considerava a democracia um sistema cheio de defeitos, talvez ruim, mas ainda assim o melhor que temos, é um retrato perfeito do que somos e do que vivemos.

Eu acho que o Brasil não é uma democracia plena, mas ainda é uma democracia. Se não fosse uma democracia plena, eu não podia estar falando aqui com o senhor expondo aquilo que eu sempre acreditei e respeito nas pessoas. Nunca ataco pessoas quaisquer que sejam, mesmo quando sou atacado, mas não deixo de dizer o que penso. Defendo ideias sem necessidade de agredir pessoas e sem necessidade de responder aos ataques. Para mim é indiferente. Eu sei o que eu penso. Churchill – e eu sou um modesto advogado –, Churchill não, ele pegou um país num dos momentos mais difíceis da história, em que grassava a devastação, onde o Exército alemão entrava e ia destruindo tudo. Indiscutivelmente, a preparação de Hitler para a guerra tinha

sido feita, enquanto os aliados – tanto o exército francês quanto o exército inglês – estavam absolutamente despreparados, perdiam todas as batalhas, não tinham táticas. Ele assumiu com um exército desmoralizado, derrotado na França, e formou um governo à altura do desafio que apresentava. Por exemplo, se nós pegarmos instrumentos de guerra, a RAF³⁶⁰, a Força Aérea Real dos Britânicos, o avião *Spitfire*³⁶¹ que eles criaram – que aliás gerou até a caneta *Parker 51*, você sabe disso? A *Parker 51* foi inspirada no bico do avião. Bem, foi um avião que bateu os *Stukas*³⁶² dos alemães com uma facilidade enorme. A genialidade de jogar tudo na tecnologia a fim de poder enfrentar aqueles bombardeiros aéreos que em Londres arrebentavam com a moral do povo. Era um negócio tremendo. O sócio me contava, o Henry Tilber, que morava na Inglaterra depois de fugir da Tchecoslováquia, como era quando eles ouviam aquelas sirenes e estava trabalhando e pensando na mulher em casa e o receio de que iria cair lá. É o mesmo que deve estar acontecendo agora com Kiev³⁶³. Pode acontecer com a Rússia agora. Por isso a OTAN está querendo aumentar de dois trilhões de euros para cinco trilhões de euros o seu orçamento militar para poder garantir suas fronteiras.

Acho que Churchill dizia o que pensava porque vivia o que pensava; ele não era daqueles que apenas fazem de conta que vivem o que dizem, entende? Ele fazia com que realmente a sua vida fosse monolítica. Eu diria um estadista de uma peça só. Eu acho que este livro, ao ser publicado, vai ser muito bom, porque vai resgatar para a juventude de hoje, que embora com todas as novidades com as que pouco se importam aqui, Churchill representa a busca do bem comum, os valores que uma pátria tem que ter, o amor à pátria verdadeira que ele tinha. Eu acho que Churchill foi uma figura excepcional. E vou dizer o seguinte, agora é uma visão minha, mas todo o político estadista tem também que ter uma visão das artes para que ele possa ter uma sensibilidade maior em relação ao povo. E o Churchill também era um grande pintor.

RICARDO: Sim, Churchill veio a se tornar um bom pintor com o tempo. Certa vez, perguntado por um aluno, sobre o que deveria estudar, Churchill respondeu: “Estude história, estude história”. Eu acho que é por aí mesmo.

360. Real Força Aérea. (N. R.)

361. Caca monomotor de alta performance britânico da década de 1930. (N. R.)

362. Bombardeiro de mergulho alemão da década de 1930. Ele foi projetado para empregar a técnica de bombardeio de mergulho, ou seja, ir em direção ao alvo em um ângulo íngreme e liberar as bombas em baixa altitude visando a máxima precisão antes de se soltá-las. (N. R.)

363. Capital da Ucrânia. (N. R.)

Dr. Ives, muito obrigado. Suas considerações, por favor. Ultrapassamos o tempo que o Senhor dispunha, então eu vou abusar um pouquinho mais.

IVES: Certo. Mas não com considerações finais. Isso o que o amigo disse; é a história. Se nós analisarmos a história, eu digo isso em alguns dos meus livros – *A Era das Contradições, A Era dos Desafios*³⁶⁴ e *Uma visão do mundo Contemporâneo*³⁶⁵ –, eu sempre penso o seguinte: se os nossos políticos conhecessem a história, não reincidiriam em muitos dos erros que os outros fizeram. O Hitler fez o mesmo erro de Napoleão. É bem verdade que foi atrasado na campanha pelo erro dos italianos tentando invadir a Grécia.

RICARDO: Hitler perde muito tempo na Grécia. Sim.

IVES: Mas na prática, o general Guderian (1888-1854)³⁶⁶ chegou a vinte e dois quilômetros de Moscou e teve que recuar. E o marechal Paulus (1890-1957)³⁶⁷ foi obrigado a se entregar porque os alemães não conseguiam levar a campanha em frente com aquele frio, com aquele gelo; o inverno o derrotou. Mas eu digo, a história deveria ser conhecida. Se analisarmos as grandes batalhas que nós tivemos através da história, por exemplo, Batalha de Kadesh³⁶⁸ entre Ramsés II (séc. XIII a.C.)³⁶⁹ e Muwatalli II³⁷⁰ (1321-1272 a.C.), entre os hititas e os egípcios, em que os egípcios foram derrotados. Só conseguiram decifrar a escrita hitita por conta do tratado bilíngue [entre eles], quando, por meio da comparação com os hieróglifos [egípcios], tiveram a chance de decifrá-la. Nesse tratado, o faraó foi obrigado a ceder uma filha, entregar territórios e etc. Desde aquela batalha, se analisarmos os erros militares cometidos, veremos que os historiadores tendem a ser ignorados sempre quando há uma

derrota. Houve um autor francês – e com isso eu vou terminando –, na época que eu estava estudando na França, em 1953, Pierre Daninos (1913-2005)³⁷¹, ele escreveu um livro chamado *Les Carnets du Major Thompson* [Os diários do Major Thompson]. E nesse livro, em um determinado momento, ele fala sobre a história da seguinte forma: “Nós, historiadores, não podemos fazer o que muitos fazem, pois, nas batalhas, são os generais que fazem falar os canhões, na sequência, são os cronistas que fazem falar os generais”. Então ele conta uma história que é interessante. Ele conta que houve uma batalha no Canadá entre as forças inglesas e francesas que naquele período estavam definindo suas posições territoriais, e era uma época de tal elegância nas batalhas que o general francês, quando ouviu os *generales* ingleses chegando, em um gesto delicado, disse: *Mês enfants Anglias, tirer premier* [Meus filhos ingleses, atirem vocês primeiro]. Certamente, o que deve ter acontecido é o seguinte – e essa frase ainda é ensinada nas escolas primárias francesas: quando a força inglesa surgiu na bruma da madrugada, o general francês chamou sua tropa de *mes enfants*. Ao perceber que se tratava dos ingleses, completou: *les Anglais*”. Em seguida, voltou-se para suas tropas e disse: *tirer premier*. Foram três frases, e não uma frase só.

Os verdadeiros historiadores são aqueles que não se baseiam em narrativas, mas sim nos fatos. E os políticos deveriam estudar história, porque sem a história, eles repetem exaustiva e monotonamente os mesmos erros que foram feitos no passado.

Mas eu queria dizer o seguinte, foi um grande prazer conversarmos sobre uma das figuras que eu mais gosto da história mundial no século passado, que é Winston Churchill.

RICARDO: Ora, Dr. Ives Ganda Martins, sou eu quem agradece, sou eu que estou honrado em tê-lo aqui com seu depoimento, que certamente foi maravilhoso. Eu agradeço imensamente. Fique bem, muita saúde, só coisas boas. *Carpe Diem*.

IVES: Muito obrigado. Um grande abraço ao amigo e tudo de bom.

RICARDO: Obrigado. Obrigado. Até mais.

371. Escritor e humorista francês, mais conhecido por suas sátiras sobre a sociedade e os costumes tanto de franceses quanto de ingleses. (N. R.)

364. MARTINS, Ives Gandra S. *A Era dos Desafios*. São Paulo: Quadrante, 2020. (N. R.)

365. MARTINS, Ives Gandra S. *Uma visão do mundo Contemporâneo*. São Paulo: Thomson Pioneira, 1996. (N. R.)

366. General alemão especialista em blindados, considerado um dos principais arquitetos da guerra blindada e da *Blitzkrieg*. Atuou na campanha da Polônia entre setembro e outubro de 1939, e liderou a ofensiva até o Canal da Mancha, em maio de 1940, quando as forças francesas e britânicas entraram em colapso. Na campanha russa, liderou as tropas alemãs até as proximidades de Moscou, mas não pôde avançar por questões de logística. (N. R.)

367. Conhecido por ter comandado o 6º Exército alemão durante a Batalha de Stalingrado (1942-1943). Desobedecendo à ordem de Hitler, Paulus se rendeu em 31 de janeiro de 1943. (N. R.)

368. Aconteceu por volta do ano 1274 a.C., nas cercanias da cidade de Kadesh, na Síria. O faraó Ramsés II buscava conquistar Canaã e a Síria, e retomar a cidade de Kadesh, controlada pelos hititas. Anos depois, o Egito e o Império Hitita firmaram o primeiro tratado de paz registrado na história, estabelecendo fronteiras e relações diplomáticas. (N. R.)

369. Foi o terceiro rei da 19ª dinastia – governou entre 1292 a.C. e 1191 a.C. –, do antigo Egito, cujo reinado, entre 1279 a.C. e 1213 a.C., foi o segundo mais longo da história egípcia. (N. R.)

370. Reinou entre 1320 a.C. e 1294 a.C. (N. R.)